

## PROLEGÔMENA: OS PILARES DE DELORS

## PROLEGOMENA: THE PILLARS OF DELORS

**Marcos Rafael Monteiro**

Instituto Tocantinense de Educação Superior e Pesquisa (Faculdade ITOP)  
marcosrafael.monteiro@gmail.com

**Sergio Luiz Ferreira Leal**

Instituto Tocantinense de Educação Superior e Pesquisa (Faculdade ITOP)

**Resumo:** Este estudo busca analisar a dinâmica da aplicabilidade dos quatro pilares da educação conforme descritos por Jacques Delors. Esses pilares fundamentam a prática educacional, notadamente nos anos iniciais do ensino fundamental, uma vez que é nesse período da formação do ser humano em que se apresenta, com maior ênfase, a necessidade de um certo direcionamento no encaminhar das atividades educacionais. A educação, por seu viés, serve-se de elementos que potencializam suas atividades, seus objetivos, visualizando a formação de um ser completo, voltado às necessidades do meio. Essas necessidades são ditadas pela sociedade, apoiada por políticas que muitas vezes forçam os atores envolvidos no processo educativo a adotarem posturas que diferem daquelas preconizadas na teoria e adotadas na prática. Dessa forma procuramos demonstrar estas teorias tomando como base o trabalho de Delors, analisando a dinâmica de uma realidade moldada pelas necessidades e anseios do meio em que se insere.

**Palavras-chave:** Delors; Educação; Aplicabilidade

**Abstract:** This study aims to analyze the dynamics of the applicability of the four pillars of education as described by Jacques Delors. These pillars are based educational practice, especially in the early years of elementary school, since this is the period of formation of human beings as presented, with greater emphasis on the need for a certain direction in the forward educational activities. Education, for its bias, serve up elements that enhance its activities, its objectives, viewing the formation of a complete being, geared to environmental needs. These needs are dictated by society, supported by policies that often force the actors involved in the educational process to adopt positions that differ from those recommended in theory and adopted in practice. Thus we try to demonstrate these theories building on the work of Delors, analyzing the dynamics of a reality shaped by the needs and desires of the environment in which it operates.

**Keywords:** Delors; Education; applicability

### Introdução

Vivemos em uma sociedade que está experimentando mudanças radicais. A velocidade com que essas mudanças estão acontecendo é algo brutal. Não podemos deixar de compreender que mudanças, geram mudanças. Como a velocidade das mesmas, nesse mundo globalizado, é intensa, a sociedade está em constante mudança em um ritmo cada vez mais acelerado. Ao longo dos anos, a Educação evoluiu e continua a evoluir, e este processo pode ser compreendido na visão de pensadores e filósofos, que através de suas teorias, visam uma melhoria constante do ensino.

Partindo deste entendimento podemos aportar nas ideias de Jacques Delors sobre os **QUATRO PILARES DA EDUCAÇÃO**. Delors (2006) aponta como principal consequência da sociedade do conhecimento a necessidade de uma aprendizagem ao longo de toda vida, fundamentada em quatro pilares, que são, concomitantemente, pilares do conhecimento e da formação continuada.

O trabalho de Jacques Delors (2006) permite vislumbrar uma solução possível para o sistema educacional baseada em conceitos fundamentais que foram apresentados à UNESCO, pela Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI.

Segundo Libâneo (1994), a educação em sentido *lato*, refere-se a toda uma linha que desenvolve a unilateralidade da personalidade, envolvendo a formação da qualidade humana, em todas as suas nuances. A educação, então, se configura como princípio norteador de toda atividade humana, tecendo as relações sociais das quais todos nós somos partidários.

Desta forma, a educação é o meio, e não o fim. A educação é a forma de modificar a pintura social. Para Freire (1996), educação é a forma de se poder promover uma intervenção no mundo, assim sendo, cabe aos cientistas e estudiosos da educação desenvolver esta intervenção, para que

os atores envolvidos na educação possam colocar em evidência, na teoria e na prática, os resultados deste intento.

É natural a forma de pensar correto, sabendo-se do risco entre acerto e erro.

[...] a aceitação do novo que não pode ser negado ou escolhido só porque é novo, assim como o critério da recusa do velho não é apenas cronológico. O velho que preserva sua validade ou que encarna uma tradição ou marca, uma presença no tempo continua novo. (FREIRE, 1996. p. 35)

O novo traz novos conhecimentos, novas dinâmicas despertando a natural curiosidade dos leitores pensantes, no entanto, devemos perceber que, na maioria das vezes, o novo tem como embasamento o velho, e desta forma o novo e o velho completam-se para executarem funções com os mesmos fins, mas, não desoportuniza os saberes trazidos pelo novo, nem aqueles contidos no velho, pois ambos completam com objetividade o livro da existência do homem.

Assim sendo, nossa pesquisa será qualitativo-descritiva, onde utilizaremos fontes bibliográficas e documentais para o levantamento da produção teórica sobre os assuntos pertinentes a nossa linha de pesquisa.

Nossa pesquisa foi dividida em partes que compõem o todo, nas palavras de Morin. Assim, procuramos cotejar os ensinamentos de Piaget (2009), Vigotsky (1999, 2001), Freire (1979, 1992, 1996) e Libâneo (1994), cada qual a seu turno, com olhos de ver a educação nos anos iniciais do desenvolvimento e da aquisição do conhecimento, ferramenta motriz capaz de subjugar valores modificando o ser que o contém.

Objetiva-se, pois, um melhor entendimento dos quatro pilares da educação, como descrito por Delors (2006), parte primordial, mas esquecida e relegada à simples metonímia, da arte de educar que acompanha o homem desde seu limiar na humanidade.

## Desenvolvimento

O primeiro pilar, **APRENDER A APRENDER**, dá-se através do processo de cognição, ou seja, é um processo que envolve atenção, percepção, memória, raciocínio, juízo, imaginação, pensamento e linguagem.

Partindo desta premissa, podemos entender que este evento acontece desde a mais tenra idade.

Para Delors (2006), aprender a aprender supõe, antes de tudo, aprender exercitando a atenção, a memória e o pensamento. Desde a mais tenra infância, sobretudo nas sociedades dominadas pela imagem televisiva, o jovem deve aprender a prestar atenção às coisas e as pessoas. As sucessões muito rápidas de informações midiáticas, o *zapping* tão frequente prejudicam de fato o processo de descobertas que implica duração e aprofundamento da apreensão.

Esta aprendizagem da atenção pode revestir formas diversas e tirar partido de várias ocasiões da vida (jogos, estágios em empresas, viagens, trabalhos práticos de ciência). Podemos então perceber que em certos momentos a velocidade com que os meios de comunicação atuam em determinados instantes podem ser prejudiciais, pois tendem a eliminar as descobertas.

No entanto, pode-se tirar partido desta situação, viabilizando alguma atividade na qual o aprendizado possa ser absorvido através de atividades lúdicas, exercício de aprendizagem profissional ou através das pesquisas, pois desta forma a criança irá exercitar a atenção a memória, criando uma linha de pensamento próprio que podemos chamar de descoberta.

Dessa forma, se faz necessário a presença de alguém para provocá-lo, induzi-lo a novas descobertas, pois a provocação servirá de estímulos criadores para que o mesmo possa descobrir o próprio meio, o mundo que o cerca. Entra em cena, então, o professor, que de forma coerente irá incentivá-lo, não só a descobrir o mundo que o rodeia, mas induzi-lo a interagir com o mesmo.

Para Bock, Furtado e Teixeira (2002), o desenvolvimento infantil pode ser visto em três momentos: momento instrumental, momento cultural e momento histórico. Cada momento, conforme descrito pelos pesquisadores, contribui com a formação do ser humano, sendo mesmo sua interoperabilidade necessária na formação completa do ser humano.

Para Vigotsky (2001), a história da sociedade e o desenvolvimento do homem caminham

juntos e, mais que isto, estão imbricados de forma tal que um não seria o que é sem o outro. Este fato acontece desde a mais tenra idade, a cognição aliada à interação com os adultos promove na criança, ao longo do tempo, as mudanças necessárias para as descobertas e socialização com o meio, com o mundo que habita.

A proposta de Vigotsky (2001) mostra-nos que se faz fundamental a intervenção de forma decidida e significativa nos processos de desenvolvimento da criança, sempre no sentido de ajudá-la na superação de eventuais dificuldades, auxiliando-a a recuperar possíveis defasagens cognitivas, provocando-a a ativar áreas potenciais imediatas de crescimento e desenvolvimento ao que denominamos de Sociointeracionismo.

Assim como Vigotsky (2001) apresenta o seu trabalho relacionado ao desenvolvimento da criança através da socialização e da interação, Jean Piaget (2009) nos mostra, o que segundo ele, é a forma natural do desenvolvimento infantil, mostrando-nos suas diversas fases.

No segundo pilar, **APRENDER A FAZER**, o indivíduo já está apto a praticar os conhecimentos adquiridos. Habilita-se a adentrar no mundo do trabalho moderno e competitivo, tendo como foco a formação técnica e profissional.

Para Delors (2006), o aprender a conhecer e aprender a fazer são em larga medida indissociáveis. A segunda aprendizagem refere-se à questão da formação profissional. O aluno já tem capacidade de se comunicar, interagir, decidir em grupo cabendo agora, ensiná-lo a colocar em prática os seus conhecimentos, assim como adaptar a educação ao trabalho futuro, onde é imprevisível a sua evolução, tendo em vista que a educação é uma influência premeditada, organizada e prolongada no desenvolvimento de um organismo.

Desta forma, pensar a educação da criança, e do ser humano de modo amplo, é imaginar um leque de possibilidades de interações intersubjetivas já estabelecidas ou que irão se estabelecer num processo de permutas, orientadas pelo conhecimento e pela história inerente a todos os seres humanos.

Nesta perspectiva de análise, Vigotsky (2001) vê o ser humano como detentor de história, de cultura e social, de sorte que utiliza estas ferramentas para modificar a realidade, pois está de posse de materiais que possibilita ou possibilitara a concreticidade das coisas vivas, ou não. O homem como ser amplo, dotado de cultura e história, desenvolve naturalmente um processo de interação imediata e mediadora, ou seja, uma troca interpessoal com outros membros da mesma espécie e assim, apropria-se, produz e reproduz o social.

Desta forma, embasados nos pressupostos de Vigotsky (2001), necessário torna-se revermos alguns dos principais conceitos de sua teoria, para que possamos ter uma ideia geral sobre a concretibilidade dos indivíduos dentro do âmbito escolar, independente de características de ordem física, mental, social ou familiar, para assim, melhor entendermos os conceitos, na prática pedagógica, dentro de um processo que veja o ser humano como um todo em seu desenvolvimento processual de humanização.

Para Vigotsky (2001), na educação não existe nada de passivo, de inativo, tudo é incorporado a educação desde que a eles sejam atribuídas funções educativas. Para que possamos estabelecer um diálogo com Vigotsky e seus pressupostos é necessário que observemos os seus pensamentos, que envolvem várias outras ações, que interferem no desenvolvimento das funções psicológicas superiores que são inerentes aos seres humanos em processo de socialização, de sorte que a educação, em bases teóricas sólidas, pode propiciar ao indivíduo a oportunidade de, em contato com ferramentas sociais, ter seu pleno desenvolvimento.

Segundo Vigotsky (1999), as maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brincar, aquisições estas que no futuro irão formar o seu nível básico de ação real e moralidade. O ato de brincar para a criança representa um momento de extrema importância, pois o mesmo pode mostrar através do simbólico, aspectos atuais de sua realidade, ou que já viveu desta forma, o ato de brincar vivencia e concretiza situações passadas ou ainda presentes, ativando o seu imaginário, a sua fantasia.

Portanto, o brincar está ligado intrinsecamente, ao desenvolvimento como percepção, memória, afetividade, aprendizagem, linguagem, imaginação, interesse e atenção, uma enorme gama de características que é natural no desenvolvimento infantil, utilizando-se para isto o imaginário.

O terceiro pilar, **APRENDER A VIVER JUNTO** representa, hoje em dia, um dos maiores desafios da educação. O mundo atual é muitas vezes, um mundo de violência que se opõe a esperança posta por alguns no progresso da humanidade. “Só que agora surgem elementos novos, que tendem a acentuar o problema” (DELORS, 2006. p. 96). Trata-se da autodestruição criada pelo homem no decorrer dos séculos, através dos meios de comunicação social. “A opinião pública torna-se impotente ou mesmo refém dos que geram ou mantêm conflitos” (DELORS, 2006. p. 96).

“A esperança é necessidade ontológica, a desesperança, esperança que, perdendo o endereço se torna distorção da necessidade ontológica” (FREIRE, 1992. p. 10), Podemos compreender que não devemos nos deixar levar por momentos difíceis, sem a ele reagir, é primordial que busquemos forças e necessariamente nos tornemos esperançosos, não por teimosia e sim por necessidade, por tornar-se imperativo em nossa existência.

Para Freire (1992), a esperança é necessária, no entanto, ela sozinha não ganha luta, fraqueja, precisamos ser preparados para nos tornarmos críticos da esperança crítica, e a mesma só virá através da educação, levando-se em consideração que ela tem por função precípua preparar o ser humano completo, ou seja, crítico, reflexivo e contínuo, pronto para exercer suas habilidades e capacidades com integridade social.

Para tanto, é importante que haja o empenho e o esforço, alavancas necessárias para atingirmos os nossos objetivos no sentido de melhorar o mundo. Daí a precisão de uma certa “educação da esperança” (FREIRE, 1992. p. 11).

A educação da esperança é para Freire (1992) de fundamental importância em nossas vidas, seja individual ou social, porém não devemos em momento algum utilizá-la de forma errônea. Percebe-se que se adentrarmos em caminhos educacionais incoerentes, não iremos em hipótese alguma, atingir os nossos objetivos, pois cairemos para a desesperança, e conseqüentemente para o desespero, que de contra partida, nos levará a inação ou o imobilismo e, ao chegarmos a este ponto, chegaremos ao limite.

Nas situações limites, mais além dos quais se acha o *inédito viável*, às vezes perceptível, às vezes não, se encontram razões de serem para ambas as posições “a esperança e a desesperança” (FREIRE, 1992. p. 11)

“Poderemos conceber uma educação capaz de evitar os conflitos, ou de resolvê-los de maneira pacífica, desenvolvendo o conhecimento dos outros, das suas culturas, de sua espiritualidade” (DELORS, 2006. p. 97). Ensinar o respeito ao semelhante, a não violência no âmbito escolar é uma iniciativa inerente a educação, embora saibamos que a mesma é apenas mais um instrumento, na luta contra os preconceitos geradores de conflitos. Por tendência natural, o homem sempre valoriza as próprias qualidades, e as do meio ou as do grupo ao qual pertence. Porém, o homem não percebeu que o princípio natural é unir para se fortalecer, de forma coesa, para manifestar o social de forma coerente, articulando seus objetivos e metas.

“O homem deve ser sujeito de sua própria educação. Não pode ser objeto dela. Por isso ninguém educa ninguém” (FREIRE, 1979. p. 28). Quando o homem busca a *mais*, na verdade ele está buscando a si mesmo através da interação com outros seres, que fatalmente procuram ser mais, de sorte que cria-se um elo entre o buscante, com outra consciência para o aprimoramento, caso contrário, se fosse uma única consciência, as demais seriam objetos da mesma, o que segundo Freire (1979) seria *coisificar* as consciências.

Para Delors (2006), o quarto pilar compreende a definição do ser completo, onde a educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa, ou seja, o desenvolvimento do espírito e do corpo, da inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, assim como da espiritualidade. Aprender a ser que deve ser educado, permitindo elaborar pensamentos autônomos e críticos, podendo formar conceitos próprios de juízo e de valor adquirindo desta forma o poder de decisão, sabendo agir nas diferentes situações sociais.

Todo ser humano deve ser preparado, especialmente graças à educação que recebe na juventude, para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida (DELORS, 2006).

Assim, o pilar **APRENDER A SER** tem por objetivo precípua a realização completa do homem em suas riquezas, na complexidade de suas expressões, dos seus compromissos, seja membro de

uma família, da coletividade, inventor de técnicas ou criador de sonhos.

O desenvolvimento do ser humano, que se desenrola desde o nascimento até a morte, em um processo dialético, inicia-se no conhecimento de si mesmo para em seguida se abrir em relação ao outro.

Para Libâneo (1994), a educação em sentido amplo, representa o desenvolvimento da personalidade que envolve a formação das qualidades humanas, físicas, morais etc.

Levando em consideração o seu desenvolvimento na atividade humana para com o meio num determinado contexto de relações sociais, pode-se dizer que a educação influencia em todas as modalidades e inter-relações que são direcionadas para a formação de traços de personalidade social e caráter, o que implica em uma concepção de mundo e valores no mesmo instituído. “A educação, é uma instituição que se ordena num sistema educacional de um país, num determinado momento histórico” (LIBÂNEO, 1994. p. 33).

Para Libâneo (1994), a ação educativa busca o resultado, sendo o ser completo, o indivíduo crítico, provocador e reflexivo. Útil a si e a sociedade, este homem é o produto de um trabalho educativo, de um processo de construção e reconstrução que foi elaborado ao longo do tempo, e esta mudança consiste em transformações sucessivas, seja no sentido histórico ou no desenvolvimento da personalidade do indivíduo, pois permitirá suas próprias ações e atitudes reais frente a sua realidade. A educação é a forma, o meio de modificar a pintura do social. Para Freire (1996), a educação é o meio, a forma de se poder promover uma intervenção no mundo, assim sendo, cabe aos cientistas, estudiosos da educação desenvolver esta intervenção, para que os atores envolvidos na educação possam colocar em evidência, na teoria e na prática, os resultados deste intento.

A educação na forma de ciência, a cada instante se renova, em busca de soluções plausíveis, para tornar cada vez melhor sua dinâmica com o social, para tanto, vários congressos acontecem permitindo a apresentação de novos estudos, novos métodos para ver a possibilidade da aplicação dos mesmos na educação.

É natural a forma de pensar correto, sabendo-se do risco entre acerto e erro.

A aceitação do novo que não pode ser negado ou escolhido só porque é novo, assim como o critério da recusa do velho, não é apenas cronológico. O velho que preserva sua validade ou encarna uma tradição, ou marca uma presença no tempo, continua novo. (FREIRE, 1996. p. 35)

O novo traz novos conhecimentos, novas dinâmicas despertando a natural curiosidade dos leitores pensantes. No entanto, devemos perceber que, na maioria das vezes, o novo tem como embasamento o velho, e desta forma, o novo e o velho completam-se para executarem funções com os mesmos fins, mas não desoportuniza em momento algum, os saberes trazidos pelo novo nem os saberes contidos no velho, pois ambos completam com objetividade o livro da existência do homem.

## Conclusão

Ao iniciarmos a nossa ação de pesquisa, percebemos que norteava para uma vertente, onde se fazia necessário a releitura do velho, para de posse destes conhecimentos adentrarmos no novo, e através de análises e averiguações, entendermos onde Delors queria nos levar.

Analizamos os QUATRO PILARES DA EDUCAÇÃO na formação e concepção Piagetiana, Vigotskiana, Freireana e na visão educacional de Libâneo.

Percebemos que Piaget demonstra o desenvolvimento infantil de forma natural, através dos quatro estágios do desenvolvimento infantil; Para Vigotsky, o desenvolvimento da criança acontece em três momentos que estão intrinsecamente ligados a socialização da criança com o meio, ou seja, o Sociointeracionismo. Na visão de Freire, o indivíduo deve ser orientado levando-se em consideração a sua bagagem de conhecimentos sociais, construído dentro do meio, o mundo em que habita, ou Interacionismo. Libâneo, na linha crítico-social dos conteúdos, cujo pensamento pedagógico é integrar os aspectos material/informal do ensino e, ao mesmo tempo, articulá-los com os movimentos concretos que tendem à transformação da sociedade.

Desta forma, e dentro desta releitura, fomos pouco a pouco nos embasando, criando uma linha de raciocínio que nos mostrava perspectivas infindas dentro da área educacional.

Assim, pilar por pilar, seguimos construindo as bases conceituais necessárias para nossa pesquisa.



Percebemos que, em linhas gerais, o trabalho de Delors (2006) é moderno, minucioso e dinâmico, focando desde a mais tenra idade até a maturidade, onde a formação do ser, do indivíduo crítico, reflexivo, coerente e contínuo necessita desenvolver-se, ou seja, a formação do homem completo.

No entanto, o sistema educacional ainda atua de forma primária, onde a assimilação é lenta e precária, diante da velocidade que nos é imposta pela modernidade, dentro da tecnologia cibernética aplicada ao nosso dia a dia.

Sabemos que o sistema educacional é um imenso recipiente no qual todo conhecimento é depositado, e onde se inicia a disseminação de todos os saberes oriundos das ciências. É urgente que o sistema se autorrecicle, crie novas dinâmicas, que viabilize oportunidades para o novo, sem a exclusão do velho, para que possamos fazer novas descobertas, novos métodos a serem aplicados à área educacional, oportunizando a todos o direito de “ser”.

Norteados por nossa pesquisa, percebemos um caminho mapeado no trabalho de Delors (2006), que pode ser a resposta para as nossas necessidades, nossos anseios dentro da ciência educacional.

Trata-se do primeiro pilar (Aprender a Aprender). Este pilar, se bem desenvolvido, oportunizará a segurança necessária do desenvolvimento dos demais pilares (Aprender a Fazer, Aprender a Conviver, Aprender a Ser), tendo em vista tratar-se do desenvolvimento fundamental, a base, o meio para se atingir o fim. Embasado na linha da cognitividade onde tudo é possível, este pilar acena como mola propulsora para a constituição, para a formação do ser completo.

Dessa forma, percebemos que os Quatro Pilares da Educação, conforme prescritos por Jacques Delors (2006), e à luz do referencial teórico adotado nesta pesquisa, possui alto potencial de aplicabilidade, sendo mesmo recomendável que assim fosse feito pelas instâncias superiores da educação que, a partir de políticas públicas, norteiam os passos de educadores e educandos.

Ao longo do tempo, mesmo que a ideia de longo seja fruto de nossas idiosincrasias, a educação sempre esteve à mercê de políticas públicas focadas em interesse que por vezes não refletem os anseios da comunidade educacional, por voltar-se a interesses de grupos minoritários detentores do poder.

A prática pedagógica nos permite vislumbrar a necessidade de uma (re)formulação nas políticas de formação docente, capaz de potencializar as capacidades de nossos educandos, maximizar as habilidades de nossos mestres e minimizar os impactos, para que possamos caminhar neste século convictos de cumprirmos nossa missão de educadores.

## Referências

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. de L. T. **Psicologia**: Uma introdução ao estudo da psicologia. 13. ed. reform. e ampl. São Paulo: Saraiva, 2002

DELORS, J. **Educação**: Um Tesouro a Descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Notas Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. **Educação e Mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lílian Lopes Martins. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Coleção Leitura

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

PIAGET, J.; SNHELDER, B. **A Psicologia da Criança**. Tradução de Octávio Mendes Cajado. 4. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

VIGOTSKY, L. S. **Desenvolvimento Psicológico na Infância**. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Psicologia Pedagógica**. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Recebido em 26 de outubro de 2016.

Aceito em 6 de novembro de 2017.